N.º 35 (157) — 4.º ANNO

Terça-feira, 11 de Julho de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Vem tudo de França!

R. — Aqui me tens toda catita e no luxo!

Zé — Para que te quero, se eu te não mandei vir?! Era esta, esta que tanto trabalho me deu, é que eu queria com toda a sua pobreza. Luxos! para quê? se eu não tenho para comer, como posso sustental-os?!

PROJECTO DA CONSTITUIÇÃO POLITICA DA REPUBLICA PORTUGUEZA

Apresentado á Assembleia Constituinte por Fulano de Tal

(CONTINUADO)

CAPITULO V

Do Poder Executivo

Art. 17.—O poder executivo como o seu nome indica tem por fim fazer executar tanto quanto possivel as leis do paiz.

Art. 18.—Constituem esse poder as seguintes instituições: O conselho do governo; a guarda republicana, a policia civica e em ultimo caso o exercito e a armada.

Art. 19.—O Conselho do Governo é composto das seguintes pastas: Interior sem figados. Guerra em tempo de Paz. Marinha d'agua doce. Estrangeiros, Justiça, Fomento e Porcaria, Fazenda e rendas,

§ unico.—São attribulações d'este conselho;

1.°—Ter automoveis para se transportarem.

2.°—Reunir para saberem das estimadas saudes dos seus collegas.

3.°—Receber um ordenado estipulado:

4.°—Ter crises mensaes.

5.°—Ser alvo de manifestações.

6.°—Pedir a demissão.

Art. 20—A guarda republicana é composta por alguns heroes de 5 d'outubro e por antigos guardas municipaes em grande numero, com o fim de instruir os noveis, no manejo da arma branca.

§ unico.—Compete aos membros d'esta instituição:

1.°—Ter uma banda de pôr de cara á banda as outras.

2.°—Baterem-se pela Patria com as melhores sopas do paiz.

3.°—Molharem a sopa.

4.°—Adestrarem-se no peixe espada.

Art. 21—A policia civica é outra instituição creada para o Poder Executivo. Constituida por pessoas de extrema polidez e correcção, compete-lhe:

1.°—Prohibir a expansão d'uma substancia liquida amarella nas ruas de Lisboa.

2.°—Coadjuvar os extrangeiros nas suas visitas á capital.

3.°—Não se intrometter na vida dos subditos hespanhoes que visitem as nossas ourivesarias.

4.°—Calçar luva branca nos dias grandes.

5.°—Não calçar luvas brancas nos dias que não são grandes.

Art. 22.—No caso que o poder executivo não chegar para fazer executar a lei entram n'elle tambem, como se disse, o Exercito e a Armada.

§ 1.°—Compete ao Exercito:

1.°—Comer feijão com macarrão, grão, pão etc.

2.°—Render as guardas.

3.°—Encher a marmita quando fôr preciso.

§ 2.°—Compete á Armada:

1.°—Brincar aos fadistas na Mouraria.

2.°—Bater-se com as mulheres de pouco mais ou menos.

3.°—Usar cabello que nem a matta do Bussaco.

4.°—Ter uns navios para concertar.

Art. 23.—E' de direito exclusivo das pastas que formam o Conselho de Governo:

§ 1.°—Do Interior sem figados:

1.°—Ter empregos para todos os reacionarios.

2.°—Pagar-lhes bem.

3.°—Desempregar os que se bateram.

4.°—Ter um jornal.

§ 2.°—Da Justiça.

1.°—Arranjar aditamentos á lei da separação.

2.°—Fazer dar passeios a juizes.

3.°—Pagar ao cléro pelo seu trabalho.

4.°—Ter um jornal,

§ 3.°—Dos Extrangeiros:

1.°—Dar chás.

2.°—Estabelecer «modus vivendis».

3.°—Desenvolver a industria do sorriso.

4.°—Distribuir leite e bolos ás creanças,

5.°—Ter um jornal.

§ 4.°—Da Guerra:

1.°—Estar em Paz.

2.°—Visitar quarteis.

3.°—Reformar o Exercito.

4.°—Formar commissões,

§ 5.°—Da Marinha:

1.°—Coçar a cabeça afflicto.

2.°—Estabelecer carreiras mais baratas para Cacilhas.

3.°—Ir ao Rio de Janeiro... n'um electrico, sem enjoar.

4.°—Tomar fava torrada para a voz.

§ 6.°—Do Fomento:

1.°—Instituir balnearios.

2.°—Dar banhos na Trafaria ás creanças.

3.°—Lavar os pés quotidianamente.

4.°—Ter um jornal:

§ 7.°—Da Fazenda:

1.°—Dizer que o estado financeiro do paiz vae bem muito obrigado.

2.°—Nunca mais mostrar tal.

3.°—Partir para as suas propriedades.

4.°—Voltar das suas propriedades.

CAPITULO VI

Do Poder Judicial

Art. 24.—O poder Judicial do paiz está nas mãos do Supremo Tribunal de Justiça.

Este é composto por 10 juizes inamoviveis e que serão eleitos pela Assembleia Nacional.

§ 1.°—Todo o juiz d'este tribunal ha de satisfazer ás seguintes prescripções:

1.°—Ser surdo.

2.°—Ser estupido.

3.°—Ser miope.

4.°—Ter pelo menos 60 annos.

5.°—Adormecer frequentemente.

6.°—Ter habitos mais velhos que o cavar.

Art. 25—As partes que figuram nos processos teem direito de reclamar contra os juizes.

Art. 26.—A parte queixosa deve ser sempre muito perigosa.

Art. 27.—A criminosa tem direito de mandar áquella parte o advogado que mais lhe convier.

Art. 28.—Compete ao Supremo Tribunal:

§ 1.°—Offerecer hospedagem na Penitenciaria: a:

a) mendigos que nos paroxismos da fome roubam um pão.

b) ás creanças semi-nua que dormitam nos portaes.

c) ao operario que se revolte contra uma arbitrariedade do patrão.

§ 2.°—Offerecer a sua protecção, a:

a) ex-ministros do estado que governaram e se governaram.

b) velhos caciques.

c) agitadores e exploradores da sinceridade operaria.

CAPITULO VII

Disposições geraes

Art. 29.—Sobre moeda corrente:

§ 1.°—Será cunhada a do mais afilhado.

§ 2.°—A base da moeda será o Luso. 5 lusos serão guines. 10 lusos lepis. 20, cheta. 100, camocho. 5 camochos, uma coróa, ou um barrete vermelho. 12 camochos um quartinho, 15 camochos um quarto.

Art. 30.—O sello nacional será o extrangeiro mais bem plagiado,

Art. 31.—Todo o portuguez e obrigado a pegar em armas para defender a integridade de Portugal, batendo-se furiosamente sobretudo se fôr com mulheres.

Art. 32,—O ensino será laico devendo toda a escola para bem servir a Instrucção e executar as seguintes atribulações:

§ 1.°—Executar quotidianamente a Portugueza, 2 vezes antes de cada refeição.

2.° — Encorporar-se hebdomadariamente em manifestações aos governos.

3.°—Pedir perdão d'acto e cartas de cursos.

4.°—Estar em ferias.

§ 2.° — As disciplinas serão tanto quanto possivel ao ar livre e nos gymnasios.

Art. 33.—Compete aos municipios:

1.°—Promover exposições de rosas.

2.°—Ler a acta da sessão anterior.

3.°—Tratar da questão das carnes.

4.°—Verificar as contas da semana passada.

Art. 34.—Este projecto de constituição entra em vigor, logo que aprovado por um representante da Assembleia.

Lisboa, 2 de Julho de 1911.

Fulano de Tal.

Lá nos queria parecer...

Esta figura entre as rasões apresentadas pelos *priolicos* para grammar mos o presidente e as duas camaras:

«Somos um povo essencialmente latino».

Ora não ha.. E a gente julgando que eramos um povo de chinezes!

Factos são Factos

Em todos os tempos e com todos os homens se prevaricou e em nome da rasão de Estado, se ha de prevaricar sempre. A força é e será em todos os tempos a suprema lei!

Não sei mesmo como definir o sentimento que me domina, tendo de abordar a liberdade e a justiça que deve ser o alicerce, ou para melhor dizer a pedra bazilar d'este edificio social que se chama a nação! D'essa liberdade, que tanto foi regateada ao povo, d'essa justiça que só existia para o mesquinho para o escravisado.

Na hora solemne que vimos seguindo apóz a cessação dos desgovernos que finalisaram com a grande conquista de 5 de Outubro, conquista que acaba de nos levantar inimigos fóra e dentro do paiz, inimigos odientos que enraivecidos estão fazendo alliança commum para o descredito do paiz, e para combaterem a nossa revolução, se ligam a estranjeiros e estes aos dos partidos d'um rogimen de abusos e assim querem estorvar a prosperidade e a integridade da nossa patria, devemos acima de tudo com factos e pelos factos honrar a revolução e a patria!

Senhores do governo, sabeis o que pretendo da minha doutrina?

Vou dizer-vos em poucas palavras— justiça e moralidade! Não fallo assim porque duvide da grandeza dos vossos sentimentos patrioticos mas dos que vos rodeiam, dos que em nome da santa causa que hoje é a commum dos portuguezes, dos que apregoando-se liberaes, não são mais que reaccionarios e despostas com mascara democratica.

São os factos, e a eloquencia da verdade que o demonstram, que o indicam irrefutavelmente aos que acima da ambição, de egoismo e do estomago, collocam a integridade da patria! Bem sabemos, quanto é duro governar o povo, essa eterna creança de sempre que nada a satisfaz mas tambem sabemos como se póde governar quando, se é cego para a immoralidade, para a corrupção.

Foi uma revolução que abalou um carunchoso edificio que durante oito seculos n'elle aferrolhou as liberdades do seu povo, do seu verdadeiro do seu unico soberano; pois, em nome d'essa revolução, vos lembramos senhores do governo, da grande revolução que trará a immoralidade d'amanhã!

Nem só esvasiar os cofres da nação é immoralidade, é crime para escorraçar das cadeiras do mando os que assim prevariquem; immoralidade e grave, é tambem fabricar logares para homens em vez de procurar homens para logares! Póde o governo dar recompensas aos mineiros que os auxiliarem a trazer das entranhas da terra á luz brilhante do sol a republica, o que não póde nem deve é corromper a moralidade que tantos sacrificios custaram ao povo e estão custando ao paiz, o que não póde, é esbugar dos logares do Estado, homens dignos, alheios da politica de todos os tempos e de todos os homens; os sabedores, os eruditos os grandes cultivadores da lingua da nossa terra! E' um crime, é uma immoralidade assim proceder! Lançar á mendicidade funccionarios honrados e que nunca se alistaram em oligarchias para, em nome de premiar serviços, se collocarem verdadeiras inutilidades é um crime, é uma immoralidade. Hoje, pedimos justiça para Xavier da Cunha, o sabedor, o erudito, o grande cultivador do nosso idioma, o investigador que, tantos e tão relevantes serviços tem prestado á litteratura da nossa patria! Nunca foi politico, não é o vulgar laracheiro por isso, perguntará a multidão quem é Xavier da Cunha? Tem razão, a multidão ignora quem é o grande m neiro das lettras da sua patria! Quem é o investigador que na Bibliothcca tem gasto a mocidade, a energia ao serviço do seu paiz sem alardes, sem banquetes, sem a capelinha da popularidade por isso, o esbugaram do logar que o seu saber conquistou e por ahi o vemos a abeirar-se da porta da indigencia!

Não será um crime, não será nma immoralidade, collocar n'ma bibliotheca onde, é requisito primordial o talento, o saber, a erudição—um barbeiro e, trazer por essas ruas o talento, ao abandono ao desprezo? E é em nome da moralidade e do engrandecimento da republica—bradamos e bradaremos—justiça a Xavier da Cunha, respeito pelo prestigio da sciencia e para que possamos dizer as mundo inteiro—viva a republica portugueza!

(Continúa)

Ariejnaral

— Saber-se a quanto montam os adeantamentos feitos a particulares.

— Deixar de haver algazarra no parlamento.

— Acabar por isso a hilaridade que tal chiada provoca.

— Deixar pois, de se lhe applicar os versos de João de Deus:

«O theatro de S. Bento
Onde se representam as comedias»

— Concluirem-se as obras da rua da Imprenque ficou uma rua sem sahida.

— Deixar de ser uma vergonha e uma falta de consideração para a imprensa portuguêza, esta ter o seu nome n'um becco sem sahida, quando «O Mundo» tem uma rua «larga» que era de S. Roque, e o «Seculo» o incolôr, está amancebado com uma «formosa» que a Camara lhe entregou.

— O nosso jornal sahir sem gralhas, por causa do estupor do «Viu se grego.

— Saber-se a razão porque o nosso collega «Os Ridiculos» ataca o sindicato de Santo Amaro.

— Acabar a «Ordem! Ordem!» na Assembleia Constituinte.

— O deputado Alexandre Barros levantar-se quando falla.

— Ter a palavra o deputada por Leiria.

— Aparecerem mais projectos de contipação.

— Deixar de apparecer candidatos á presidencia;

— O serviço dos correios ser bem feito,

— O presidente deixar de receber 18 contos.

— As rainhas deixarem de morrer como qualquer cidadão..

Vão lá entendel-o!

O dr. Zé d'Almeida disse no Parlamento que demitira um professor do lyceu e um secretario geral, porque obtera do seu odio á Republica provas moraes embora as não tivesse juridicas.

Pois, querendo-se justificar de pôr o Penela na rua, disse em seguida que a Republica não tem o direito de castigar ninguem por provas moraes!....

Façam fevor de ver se o percebem...

CHALET REPUBLICA

Inaugurar-se-ha na feira de Agosto esta magnifica casa de espectaculos.

É de esperar que o publico a frequente em grande numero pois o programma promete ser sempre variado.

Maria Pia, Pechirinée e Caracoles

Quando ha dois ou trez annos falleceu *Pechirinée* debalde procurámos «Os Ridiculos» duas ou trez linhas de sentida homenagem á sua memoria. Já não queriamos uma gravura a todo o tamanho de uma pagina, como aquella que o ultimo numero de «Os Ridiculos» ostenta por baixo do seu cabeçalho, em homenagem á ex-rainha Maria Pia.

Não. Não queriamos um retrato de tão grande tamanho e tão custoso preço. Queriamos apenas duas tretas de saudade para o pobre *Péchirinée* que tanto ajudára a fazer «Os Ridiculos» por uns mizeros tostões, e que ao fim morrera quasi de fome.

Mas nada! Os dois numeros que sahiram apoz o seu passamento não diziam a tal respeito nem patavina. *Caracoles* ou não estava lá ou era de gesso.

Só ao terceiro numero é que, respondendo a uns reparos d'uns amigos do morto, se dava uma explicação de pessimo pagador, relegada para um canto da terceira pagina, na *caixa do correio*, como se Caracoles, á similhança do sr. Lacerda tambem tivesse correspondencia para o outro mundo.

Pois agora que falleceu a ex-rainha Maria Pia «Os Ridiculos» traz não só uma grande gravura que occupa toda a sua pagina principal, como tambem um artigo de columna e pico a prantear-lhe a morte.

Mas que differença achará o *Caracoles* que anda a pregar a egualdade, entre Maria Pia, rainha e cumplice d'um poder de oppressão e banditismo, e o *Pechirinée*, o pobre rapaz que nos seus versos risonhos andava a combater o preconceito e a tyrannia?

Que differença verá elle entre Maria Pia que se *adeantava* e o *Pechirinée* que morria de fome?

Que differença cavaria o egualitario Caracoles entre dois mortos?

Lemos o artigo e fomos encontrar a diferença. E' que, segundo lá se diz, *Maria Pia tinha um coração de genuina rainha. Maria Pia*, a adeantadora, *distribuia esmolas e sorrisos.*

Pechirinée, o poeta, não tinha uma de *X*.

Maria Pia, a rainha, *arrastava sedas de Lyon, pizava tapetes da Persia.*

Pechirinée, o plebeu, trazia um sobretudo muito coçado, e pizava sósinho e abandonado a estrada do sofrimento.

Maria Pia (segundo continua a dizer o articulista) tinha um vulto esbelto, uma brilhante figura, *insinuante e grandiosa, onde havia o traço gigante* (!) *de uma raça verdadeiramente real (!!) genuinamente nobre (!!!)*

Pechirinée, coitado, tinha uma triste figura de pilha sem vintem, porque nascera n'um berço pobre em logar de nascer numa alcova real. Se assim tivesse succedido *Pechirinée* seria um rei e ao morrer, o *Caracoles* publicar lhe-ia o retrato em primeira pagina.

Assim não. *Pechirinée* não era rei, e publicando lhe o retrato não haveria mais um milheiro de *thalassas* que comprassem o jornal como no caso de agora.

Viu-se Grego.

Uma corôa que contém bellos elementos para arranjar **outra**

ZÈ — Mas que bonita fita! que bella trempe! e que corja está por ali espalhada!!! Ó seu VALENTE . . . que talucha você os defensores cá da terra?! Ha que gramar uns e espremer o summo aos outros!? E a outra fita quando é que vem? Eu cá estou á espera! Olha o gajo do meio com os olhos fechados! Coitado, como elle parece dormir com as cantigas do outro tunante!

"O Zé„ e o "Xuão„

4.° anniversario

Entra hoje no seu quarto anno de existencia o nosso jornal que, publicando-se em tempo com o titulo de O XUÃO, tem agora o nome de O ZÉ, porque os *xuões*, os *thalassas* e os *adeantadores*, passaram á historia.

Jornal que a rir e a chalacear deftende os pequenos e os opprimidos, elle tem o titulo sugestivo de O ZÉ, porque é jornal do Povo e para o Povo, e porque entende que só o ZÉ, o grande ZÉ que trabalha e sua, é que é gente, e todos os mais—os outros que vivem á sua custa, sem nada produzirem de util—são parazitas.

O anteccessor de O ZÉ, O XUÃO, foi um jornal que n'unca jogou com pau de dois bicos no tempo da monarchia,e por isso lhe mereceu as carinhosas provas de sympathia enviadas nas contra-fés das constantes querellas.

O ZE está onde estava O XUÃO, e por mais voltas que o mundo dê, ninguem nos ha-de ver publicar o retrato da Maria Pia!

Dito isto, que decerto não seria preciso dizer, porque todos hão-de fazer a justiça de nol'o reconhecer—a rapaziada maluca de O ZÉ desfazse em *salamaleques* para com os seus leitores, agentes, assignantes annunciantes, e para com as suas queridas e adoradas leitoras.

Qual presidente!...

Por força estão já fartos de sabêr
Que vamos ter agora um presidente,
Mas cá no meu fraquissimo entendêr
Vejo a coisa um boccado impertinente.

Para que servirá? Deve dizêr
Todo o que for um pouco independente.
Dar-nos-ha conta só para inglêz ver,
Ou p'ra ralar a cachimonia á gente?

Olhem que ha já Republica ha dez mêzes,
Sem havêr presidente e os portuguêzes
Não cahiram por isso no monturo!...

Mandem-se o presidente p'rá sucáta!...
Passámos bem sem elle ate á data,
Passaremos tambem para o futuro!

O Chronista

'Tás a ver...

O dr. Magalhães veiu do norte a gritar que em Suajo nem se sabia que coisa vinha a ser a Republica e agora já diz que «Suajo é mesmo uma villa republicana»!...

Adheriu assim de repente...

SEBO!!

Cá temos a «Republica» a referir-se ao sr. visconde de Jequetinhonha...

Bolas que nós afinamos com a brincadeira!

—Bons dias, visinha. Como está está bem?

—Menos mal, muito obrigada. Cá o meu homem é que está um pouco adoentado.

—Porque? se não é indiscrição.

—É porque elle é da 1.ª reserva e foi chamado para ir para a fronteira.

—Cá o meu Antonio tambem já não faz serviço activo. O primo é que o substitue ás vezes.

—Como ia dizendo, chamaram-no para a fronteira, mas como elle é um boccado nervoso sobresaltou se e adoeceu.

—Com medo, visinha?

—Está enganada que meu marido não é medroso. Tem coragem, muita coragem até, mas fez-lhe mal pensar que tinha de ir matar os seus patricios.

—Então elle é gallego?

—Não, senhora, mas os conspiradores não são só os gallegos. A maior parte consta de portuguezes! Parece impossivel, não parece, visinha?

—Se parece! Aquillo são homens sem consciencia! São uns «desinfelizes» que mais dia, menos dia vêm a morrer todos.

—Olhe que elles estão com os seus dáres, segundo ouvi dizer. Vêm com tenções de fazer das suas.

—Ora! Cá está o seu marido para lhes fazer frente..

—O visinha, e se elles vencessem?

—Não me falle, n'isso, por amor de Deus. Que desgraça que era!

—O meu homem era dos primeiros a serem fuzilados!

—E olhe que eu, apezar de não metter muito o meu bico em politica era talvez das primeiras a serem furadas...

Ha por ahi visinhas que me tem um odio...

—Eu sei isso muito bem. Mas não vencem por mais que elles queiram! O meu homem é commandante d'um corpo de atiradores.

—Já vi! Já vi o corpo do seu homem! Por signal que atira muito bem!

—E ha por ahi muito patriota que offerece os seus haveres para o caso de haver zaragata.

Uns offerecem-se para ir combater; outros para fazerem rancho... Em summa, tudo está com vontade!

—Ai, visinha, desculpe! Vou lá dentro! Está-se-me a queimar o jantar! Deixei ao lume a cebola, os tomates e a carne para fazer os bifes á Portugueza e já me esquecia Até já! «(Vae para dentro)»

....

—Ora cá estou eu outra vez!

—Então, visinha, estava alguma coisa queimada?

—Estava, mas era os tomates

Silva e Souza

Encotra se bastante doente, com uma forte inflamação na vista, este nesso amigo e distincto caricaturista d'este jornal, que, com enorme sacrificio desenhou este numero.

Silva e Souza pede-nos para declararmos aos nossos loitores que desculpem qualquer irregularidade quo o jornal apresente na parte colorida, mas o seu estado de saude não lhe permittiu que este numero sahisse como era seu desêjo.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes (carinhas unhácas) que mandámos á cobrança o recibo das suas assignaturas e esperamos que não se farão esquerdos no pagamento, a fim de não lhe succeder ficarem sem o jornal pois assignantes A' BORLIU não nos convem. Isto de borlas... só com o bispo de Beja!

O monopolio da entrelinha

Trapassa em innumeros actos e immensos quadros—Musica da fallecida Companhia dos Ascensores e lettra muito miuda da Companhia dos Electricos e d'uma vereação thalassa

II

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa, o sympathico syndicato de Santo Amaro foi no tempo da monarchia,—e continua a ser no tempo da republica—a dona d'isto tudo.

Quem disser que as ruas de Lisboa pertencem aos municipes que as pagam, engana-se.

Ellas pertencem, como lá dizem no *Sem Rei nem Roque*, á Companhia dos Electricos.

Ella tem sido a soberana monopolista, a unica dona d'isto tudo.

Ella tem disposto das ruas de Lisboa como melhor lhe tem parecido, sem que alguem que tenha o dever de defender os interesses da cidade, a tenha ensinado de vez.

Isto tem sido peior do que um pagode chinez. No tempo das vereações monarchicas ella estabeleceu carreiras sem licença, augmentou o preço das carreiras, diminuiu o numero de carros, etc.

A carreira de Carmo a S. Roque foi feita sem licença authenticada da Camara Municipal, pois que na Camara nem existe sequer o pedido de concessão que a Companhia lhe devia fazer.

A carreira Estrella Duas Egrejas, foi estabelecida para deitar o Elevador a baixo.

Por isso os bilhetes custavam um pataco ida e volta. Assim que a Companhia dos Ascensores morreu o preço das carreiras elevou-se logo para a bagatela de quatro vintens ida e volta, ou seja a ninharia miseravelmente pequena de... o dobro!

Calculem por aqui, o que seria se não existisse aquelle benemerito que se chama o *Chora!*

Ai meninos aquillo era um ar que dava nos *carros do povo*, nas carreiras de vintem e no bom desejo de bem servir o publico.

Ficava apenas a vontade de bem encher os cofres da Companhia!

Apostamos que um carro do Rocio a Alcantara que hoje custa uma cheta saltava logo para quatro!

Aquillo era logo uma belleza de serviço, uma limpeza nas algibeiras do *Zé*, que até se viam gregos com os bem intencionados serviços dos lindos inglezinhos!

Isto estava tudo a pedir marmeleiro... mas tem que não se lhe tocar, nem com uma flôr por emquanto.

Vae devagarinho, vae devarinho...

Assim não nos falte a attenção dos leitores, como nós havemos de dizer aqui muitas coisas catitas, aos representantes do Povinho!

Olé!

COLLEÇÃO THEATRAL

Originaes de A. Rocha (Loreno) Sae brevemente. Só custa trez vintensinhos.

O primeiro presidente será o Deputado por Leiria?

Pois vamos ter um presidente da Republica, estimados leitores! Lá vem estampado o artigo na Constituição: Ser portuguez, maior de 35 annos de idade e ter a sufficiente altivez de geito para chamar ao fundo das algibeiras os 18 contos que lhe estipulam de ordenado! Ora devem concordar que esta somma, comparada com 360 contos que recebia o rei, 60 que recebia a rainha, 60 que recebia a avó, 40 que recebia o tio, 1000 que roubava o menino, 2000 que roubava a mãe, 3000 que roubava a avó, e 5000 que lhes davam ainda por cima fora o resto, devem concordar que 18 contos é quasi uma ninharia!... Mas melhor seria se nada fosse!

Um presidente a ganhar a 18!...

Não discutimos se haver presidente ou não haver constitue proveito ou não proveito para a Republica. Não iniciarei essa discussão. O que compete é colher as impressões causadas pelo acto, e transmitti-las ao publico. E' simplesmente d'isto que nos importamos.

Ora a primeira impressão colhida por nós foi a de ter sido «geralmente mal acolhida» a ideia de haver presidente. A segunda dizemo-la aqui muito á «socapa», pois ainda não tem foros de verdadeira, não obstante haver todas as probabilidades para se realisar, e temos nós a convicção absoluta que se realisará, dadas as circumstancias revolucionarias do momento.

Lá vae ella:

Na Assembleia Constituinte pensa-se em eleger por aclamação para primeiro presidente da Republica Portugueza o Ex.mo Deputado por Leiria, ficando d'esta maneira prejudicados os nomes dos 3 candidatos mais cotados que são os srs. Magalhães Lima, Bernardino Machado e Manuel de Arriaga.

A noticia não deixa de ser agradavel. Cá pela redacção reina, permitta-se o termo, um enthusiasmo louco. Foi immediatamente um redactor entrevistar o illustre deputado, que se encontrava na occasião trabalhando com afan, n'um vaevem constante, suando por todos os lados.

Acabada a «funcção», o illustre senhor estende-nos amavelmente... o corpo, em vista de não ter mãos, e perguntou a que iamos.

Avisamos os leitores que o grande republicano é maneta e não tem orelhas em virtude de um desastre succedido ha tempo... 2 annos antes de nascer!

Tomamos a palavra:

—Consta-nos que V. Ex.ª ia ser proclamado presidente da Republica e foi tão agradavel a impressão que sentimos que não resistimos ao prazer de o entrevistarmos.

Confesso que tambem senti umas impressões... de modestia, mas foram momentaneas.

Pois não sou homem como outro qualquer para occupar esse logar? Os homens não se medem aos palmos e não é por ter um palmo que me despresarão. Conto com a opinião feminina que será a primeira a metter-me na urna da eleição.

—Mas, ao que parece, não haverá eleições. V. Ex.ª será eleito por aclamação.

—Mais satisfeito ficarei. Pois não hei-de sentir mais prazer se me vir na bocca de todos os deputados? E que goso não fruirei quando visitar todos os cantos de Lisboa, pondo-me em contacto com todas as massas, principalmente com os 18 contos?

—V. Ex.ª concorda com o limite minimo de 35 annos de idade para o presidente?

—Acho que 35 é pouco, tendo em vista o trabalho que se produz:

—V. Ex.ª está n'essas condições?

—Ora se estou! Tenho muitos annos ao meu dispor. Deixe estar que não é por 35 que me apanham!

—E quanto aos direitos dos cidadãos, concorda n'aquelle ponto?

—Absolutamente. Todavia os direitos são secundarios em face do presidente. O verdadeiro direito sou eu! Devemo-nos capacitar d'isto.

E' illogico um cidadão ter direitos quando eu represento o maior direito em todo o seu esplendôr.

—Desejaria tambem saber a opinião de V. Ex.ª sobre a existencia das duas camaras.

—Justifica-se essa existencia. Quando eu for presidente, não me satisfazendo com uma volto-me para outra. As camaras são como as mulheres. E' bom termos mais que uma. O Senado é a mulher caseira, aborrecedora; o congresso é a mulher d'uso externo mais «coquette» e delicia-dora. E' ao seio d'esta que irei mais vezes. A primeira é só para serviço de bocca isto é para discussão.

—V. Ex.ª deve estar já cançado com as minhas perguntas...

—Engana-se. Não murcho assim com poucas palavras. Pelo contrario uma discussão d'esta ordem entesa-me e a «verborrheia» sae-me a jorros!

—Então, resumindo, que programma tenciona V. Ex.ª adoptar na presidencia?

—Eu lhe digo. Primeiro que tudo não serei molle.

Estenderei ou encolherei conforme as circumstancias e o calor. Serei homem de «antes quebrar que torcer!»

—Mas o povo assim queixar-se-ha.

Ora! o povo ha-de engulir-me d'um só trago! Por fim até me ha de beijar. Sou demais conhecido para que se enfadem commigo. Já no antigo regimen o era. No Quelhas havia innumeros retratos meus em borracha. Já vê V...

—Que politica interna adoptará?

—Para o ministerio quero homens novos, jovens, ainda não maculados em politica.

Eu é que lhes «abrirei os assentos na vida publica...

Reduzirei os impostos, encolherei as contribuições, procurarei todas as commodidades ao povinho, como um trapeiro procura es melhores trapos com o gancho...

—E V. Ex.ª andará tambem de gancho?

—Não! Isto é uma expressão minha! Em summa não magoarei ninguem; a questão é collocarem-se bem para eu penetrar fundo no interior das pessoas e procurar-lhes rapidamente o centro das attribulações... Serei suave ao entrar,.. na presidencia; trabalharei dentro com prazer, mas sacudir-me-hei n'um gesto de colera, se me tirarem para fora bruscamente. Sou pouco «pescador» de grandezas. Gosto de atacar as coisas pela frente e não é atacando por traz que gosamos mais ou tiramos maior lucro. O meu mandato será um mandato doce, isto é mandarei com amor e fraternidade. O povo pode estar descançado. Terá um presidente direito como uma torre e por lhe-hei mais baratos os generos de primeira necessidade. Terá chouriço, leite, carne ensaccada, etc. com fartura e a preços modicos, Eu sósinho lhe darei isso tudo.

Pozemos ponto na conversa. Ainda sentimos a agradavel commoção causada pelas palavras do illustre tribuno. A' sahida despedimo-nos affectuosamente e estendeu os lhes a mão. Mas elle... é maneta!

Cumprimentamo-lo então, acariciando-lhe a cabeçinha, affago que elle agradeceu n'um inchar de formas indicativo de quem ia babar-se...

E babou-se...

Chronista.

A um amigo

Oh! Divinal, oh meu gentil gabão,
Amigo, inseparavel companheiro,
A ti, meu bom «unhaca» verdadeiro,
Dedico esta singella saudação.

Tu me salvas da má constipação,
Das chuvas e do frio nevoeiro;
Bendicto seja o teu nome d'Aveiro
Que me acompanha com dedicação.

Chuva e frio apanhas tu por mim
E tapas o meu velhote «arranjinho;
Quando ao fio chegares, já no fim,

Tristonho, sem ti, viverei sosinho!
Embora sejas um amigo assim,
Em não havendo «cheta» vais p'ró «pinho»!

Loreno.

Um feixe de telegrammas.

Zé Pimenta—Redacção Zé—Lisbôa.—Diga jornal companhia oppereta dá espetaculos todas noites. Terças e sextas recitas populares, meios preços todos logares. Geral 100 reis, cadeiras 250, camarotes 1.ª 1500 etc. Empreza **Colyseu dos Recreios** só deseja todo publico possa admirar a magnifica companhia oppereta Citta di Firenze

Antonio Santos.

Redacção Zé—Lisbôa—Continua aqui com successo Sem Rei nem Roque.

Motta camaroteiro do **TheatroAvenida.**

Zé—Lisboa—Companhia **Apollo** de regresso do Porto todas noites casas cheias. Sempre Agulha em Palheiro e novidades todos dias.

A. Ruas.

Redacção—Lisboa—Gente meuda vae scena brevemente. Esperolhe grande successo. 2.º acto deslumbrante. Será mais um triumpho **Theatro da Trindade.**

Affonso Taveira.

Zé Pimenta—Zé—Lisboa—Queira dizer que pensa espectaculos **Jardim da Estrella.**

A. Azevedo.

N. da R. Que se passam lá noites agradabilissimas, respirando bello ar, vendo bonitas caras, ouvindo excellente musica e apreciando artistas de rara cultura theatral tudo isto por um tostão. Z. P.

Redacção Zé—Lisboa—Pó de perlimpimpim não se exgota. Fabrica-se constantemente. Vende-se no **Theatro das Variedades.**

Lino Ferreira.

A' ultima hora

Chega-nos a sensacional noticia que a Assembléa—Constituinte, elegeu por acclamação para Presidente da Republica o **Deputado por Leiria.**

Ahi seu teso!!!

No balcão DEL PRESIDIENTE

O valente. — Podemos contar com toda essa trapalhada á primeira voz?...
— Si, mas necesita mucho cuidao; e usted, soñorita, tiene aqui um cañonazo que llena bien el ojo!
O petiz. — Olhe, eu tambem queria um para mim, dá?